

## Centenário das Dioceses de Garanhuns, Nazaré e Pesqueira

(Atos 16, 11-15 – Jo 15,26-16,4ª)

Caríssimos irmãos e irmãs

A Diocese de Olinda, criada em 16 de novembro de 1676 pelo então Papa Inocêncio XI, foi em 05 de dezembro de 1910, pela bula “Ad sacram Beati Petri sedem”, elevada à condição de arquidiocese, passando a ser denominada Arquidiocese de Olinda, sendo o primeiro arcebispo Dom Luiz Raimundo da Silva Brito. Em 1918, o então Arcebispo de Olinda Dom Sebastião Leme Silveira Cintra enviou ao Sr Núncio Apostólico no Brasil – Dom Jacinto Ângelo Scapardini, o processo para criação de três dioceses em Pernambuco, tendo como motivo o vasto território arquidiocesano.

Através da Bula “Archidiocesis Olindensis et Recifensis”, aos 02 de agosto de 1918, o Papa Bento XV cria as dioceses de Garanhuns, Nazaré da Mata e Pesqueira e a Arquidiocese de Olinda passa a ser chamada Arquidiocese de Olinda e Recife.

A Diocese de Garanhuns teve como primeiro bispo Dom João Tavares de Moura, atendendo 15 municípios com 15 paróquias. A primeira denominação da atual Diocese de Pesqueira foi Diocese de Floresta, erigida a 5 de dezembro de 1910, pelo então Papa Pio X. Teve seu nome alterado para Diocese de Pesqueira em 02 de agosto de 2018, incorporando toda a Diocese de Floresta e parte da Arquidiocese de Olinda e Recife, sendo seu primeiro bispo Dom Augusto Álvaro da Silva. Para assumir a nova Diocese de Nazaré da Mata foi indicado, em 1919, o Pe. Ricardo Ramos de Castro Vilela, pernambucano, do clero arquidiocesano de Olinda e Recife, pároco de Gravatá. Sagrado bispo no dia 07 de setembro do mesmo ano, tomou posse no dia 19 de outubro de 1919.

Alegremo-nos, portanto, de estarmos reunidos nesta Igreja Catedral, mãe das três dioceses sufragâneas, para render graças a Deus pelos 100 anos de caminhada, em unidade com seus

atuais pastores: Dom Paulo Jakson Nóbrega de Souza, Bispo de Garanhuns. Dom José Luiz Ferreira Sales, Bispo de Pesqueira e Dom Francisco de Assis Dantas de Lucena, Bispo Nazaré da Mata. Agradecemos a Deus também por todos os outros pastores que serviram com amor nestas Igrejas particulares, assim como ao clero e lideranças leigas que não pouparam esforços para que estas igrejas chegassem ao centenário renovadas e fortalecidas.

Neste secular templo que guarda os restos mortais de vários dos seus arcebispos e bispos, dentre eles o saudoso Servo de Deus - Dom Hélder Pessoa Câmara, cujo processo de beatificação e canonização se encontra na fase final, em nível arquidiocesano, queremos pedir as bênçãos do alto para estas três igrejas, filhas de Olinda e Recife, pela intercessão desses santos pastores.

Estamos vivendo ainda o tempo da Páscoa e já nos preparando para a Solenidade de Pentecostes. Convido vocês a acolhermos as palavras de Jesus no evangelho, a partir da proposta do nosso papa Francisco de sermos uma Igreja em saída e como, há 50 anos, pedia o documento de Medellín: "*que se apresente cada vez mais nítido na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder pastoral e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens*" (Med. 5, 15 a).

As palavras do evangelho de hoje estão inseridas no sermão de despedida de Jesus na última ceia, que inicia no capítulo 13 com a sena do lava-pés, como eloquente ensinamento de serviço humilde. Tendo consciência de que sua hora estava próxima, Jesus fala aos ouvidos e, sobretudo, aos corações dos apóstolos e confirma a vinda do consolador que abrirá suas mentes, para que possam compreender o sentido de sua missão: "o Espírito da verdade, que procede do Pai, Ele dará testemunho de mim". Faz, em seguida, um envio missionário: "e vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o

começo”. Hoje, meus irmão/ãs, cabe a cada um de nós sermos obedientes ao apelo de Jesus, que nos chega através do ensinamento dos apóstolos. E fazer isso com coragem e profetismo, conscientes dos riscos que ameaçam os seguidores de Jesus, como o próprio evangelho nos adverte: “Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que aquele que vos matar julgará estar prestando culto a Deus”. Não temos nada a temer porque Jesus caminha conosco e nos enche com seu Espírito.

A Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, afirma que é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado, em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático (cf. GS, n. 4). Em cada eucaristia, que é partilha, celebrada com consciência espiritual e pastoral, faz bem recordar que nosso país que até hoje ainda se considera o maior país católico do mundo é de todos um dos mais desiguais. Ainda estamos vivendo a Campanha da Fraternidade que nos motiva para superação da violência. Pelo que vemos a onda de ódio, de intolerância política e da falta de respeito ao outro continua e não parece que as pessoas se deem conta de que isso é totalmente contrário à fé cristã. As pessoas veem os sinais, valorizam os cultos, mas não se interessam pelo que é propriamente a proposta do Mestre. Muitos acham que a fé é algo a ser vivido na intimidade do coração e nada tem a ver com a vida social, especialmente as dificuldades que enfrentam os pobres e excluídos. São desafios pastorais que exigem de cada um/uma, novas posturas de fraternidade e solidariedade, em vista os pequeninos do Reino.

No texto dos atos dos apóstolos que escutamos, Paulo e Barnabé anunciam a Palavra de Deus em Filipos, primeira cidade

da Europa a receber o Evangelho. Em Filipos não havia sinagoga, tanto que os judeus faziam suas reuniões perto do rio. Foi alí que Lídia, comerciante de púrpura, abraçou a fé cristã e recebeu o batismo com toda a sua família e tornou-se discípula servidora e acolheu em sua casa aqueles que estavam a serviço da missão. Paulo, a exemplo de Jesus Cristo, era incansável em sua missão. Vivia verdadeiramente a experiência de uma Igreja em saída e muito nos ensina a trilhar os mesmos passos.

Estamos vivendo o ano do laicato, e os leigos são os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca, o coração de Cristo no mundo; por isso, devem inserir-se fortemente na missão evangelizadora, que torna a fé atraente a tantos batizados que a abandonaram, migraram para outras religiões ou simplesmente se tornaram indiferentes. Ao mesmo tempo, como Igreja, os leigos constroem cidadania no mundo, assumindo sua missão sem limites e fronteiras, através de sua presença nas grandes e pequenas estruturas que compõem o conjunto da sociedade. Dessa maneira, a Igreja continua servindo como Jesus Cristo serviu e essa será sempre uma presença salvífica, pois é uma presença eucarística, que salva o ser humano e renova a sociedade eucaristicamente organizada. A Igreja não pode prescindir dos ministérios laicais, e isso exige que os leigos e leigas assumam, com determinação, seu papel no âmbito eclesial e na sociedade, como verdadeiros “protagonistas”.

Que nestas comemorações do ano jubilar das três Igrejas irmãs e ano do laicato, quando todos somos convidados, consagrados e leigos, a nos darmos as mãos, na consciência de sermos uma igreja ministerial, que possamos colaborar para o avanço espiritual e pastoral daqueles que Deus nos confiou, com abertura e sensibilidade para os desafios que se apresentam. Nunca percamos a esperança e a certeza da vitória, uma vez ligados à videira que é Cristo Jesus.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB